



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

ROSA LUXEMBURGO

A REVOLUÇÃO RUSSA



ROSA LUXEMBURGO, nascida Róza Luksemburg, nasceu a 5 de março de 1871 em Zamość — à altura, parte do setor russo da Polónia —, numa família de judeus progressistas dedicada ao comércio de madeira. Em 1886, inicia as suas atividades políticas alistando-se no ilegal Partido Social Revolucionário do Proletariado. Perseguida pela polícia czarista, exila-se na Suíça, onde termina, em 1897, os seus estudos de Direito com uma tese em economia política. Fluente em polaco, alemão, russo e francês, muda-se para Berlim em 1898, para se juntar ao Partido Social-Democrata alemão (SPD) e, no ano seguinte, escreve o importante *Reforma ou Revolução?*. Além do seu ativismo contra o capitalismo, que considerava condenado, e, conseqüentemente, pelo socialismo, que acreditava necessário para resolver as crises constantes e inevitáveis de uma economia capitalista, é a agitação antimilitarista motivada pela Primeira Guerra Mundial que a levará repetidamente ao cárcere. Numa dessas ocasiões, em 1918, escreve *A Revolução Russa*. Nesse mesmo ano, Luxemburgo e Karl Liebknecht, dirigente socialista com quem integrara a oposição interna ao SPD e com quem criara a Liga Spartacus, participam no congresso de criação do Partido Comunista da Alemanha. Um mês mais tarde, em janeiro de 1919, os comunistas organizam manifestações contra o governo de Weimar, liderado pelos social-democratas. Acusada de planejar uma greve geral e uma revolução comunista, a revolucionária e ativista socialista, figura central dos movimentos socialistas alemães e polacos

no início do século, Rosa Luxemburgo, é detida e assassinada pelos *Freikorps*, junto com Karl Liebknecht, a mando de dirigentes do Partido Social-Democrata a que pertencera.

BRUNO C. DUARTE é doutorado em Filosofia pela Université Marc Bloch – Strasbourg. Foi investigador convidado nas áreas de filosofia e estudos literários na Freie Universität Berlin e na Brown University, e Fulbright Visiting Scholar na Johns Hopkins University. Traduziu Friedrich Hölderlin, Heinrich von Kleist, Friedrich Schlegel, Georg Büchner, Erich Auerbach, Rainer Maria Rilke, Thomas Bernhard, entre outros.

FRANCISCO LOUÇÃ nasceu em 1956, em Lisboa, foi deputado e é professor catedrático de Economia na Universidade de Lisboa. Publicou recentemente, em coautoria, uma trilogia sobre as classes sociais em Portugal (*Os Burgueses*, *As Classes Médias* e *As Classes Populares*, com João Teixeira Lopes, Lígia Ferro e Jorge Costa), um estudo sobre o sistema financeiro (*Sombras*, com Michael Ash), um livro sobre políticas de identidade (*Não Posso Ser Quem Somos?*, com Andrea Peniche, Bruno Sena Martins e Cristina Roldão) e um *Manual de Economia Política* (com Mariana Mortágua).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Rosa Luxemburgo, uma das grandes figuras do marxismo do século XX	vii
--	-----

NOTA DO TRADUTOR	xix
------------------	-----

A REVOLUÇÃO RUSSA	1
-------------------	---

I.	3
----	---

II.	15
-----	----

III.	33
------	----

Anotações de Rosa Luxemburgo à margem do manuscrito	61
--	----

IV.	63
-----	----

Anotações de Rosa Luxemburgo à margem do manuscrito	95
--	----

NOTAS	101
-------	-----

INTRODUÇÃO

Rosa Luxemburgo, uma das grandes figuras
do marxismo do século xx

O opúsculo que tem em mãos fez um percurso atormentado. Foi escrito em 1918, na prisão, por uma das mais destacadas dirigentes revolucionárias da Alemanha, Rosa Luxemburgo, para analisar o primeiro ano da Revolução Russa, e só foi publicado em 1922, três anos após a sua morte, em janeiro de 1919. Ela tinha nascido na Polónia, militara no Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), de Lenine, e depois tornara-se a principal figura da esquerda

social-democrata alemã. Foi nessa condição que participou no debate apaixonado sobre aquele «assalto aos céus» na Rússia, para retomar a expressão de Marx acerca da Comuna de Paris. Era uma teórica de referência (a *Acumulação de Capital*, uma das principais obras de análise da dinâmica do imperialismo, foi publicada em 1913) e, desde a eclosão da Primeira Guerra Mundial, era, com Karl Liebknecht, o motor da solidariedade internacional contra o belicismo.

Era ouvida e não escondia a sua opinião. Quando participara como delegada no congresso de 1907 do POSDR, em Londres, Rosa Luxemburgo convergira com Trotski acerca das perspectivas da Revolução Russa; em 1914 antecedeu Lenine na rutura com a social-democracia que apoiava a guerra; depois, procurou construir um novo partido na Alemanha e, sendo considerada uma das dirigentes desse ímpeto revolucionário que atravessou a Europa Central, foi presa e posteriormente assassinada em janeiro de 1919, antes de completar 48 anos de vida. Assim,

este texto, escrito nos seus últimos meses, era um grito de esperança, ao mesmo tempo que uma crítica empenhada das opções políticas de Lenine e Trotski.

Não é certo se se destinava a publicação tal como está, sendo em todo o caso evidente que se trata de um esboço incompleto. De resto, o texto só foi conhecido quando Paul Levi, um dos seus apoiantes, o publicou em 1922. Levi tinha sido expulso do Partido Comunista Alemão por ter criticado a aventura insurrecional de março de 1921 e, ao ser condenado, a visão de Rosa Luxemburgo foi igualmente atacada. Nesse contexto, Lenine escreveu um texto polémico contra Levi e contra Rosa, com uma malícia notória, considerando que ela fora uma dirigente heroica, assassinada um par de anos antes (foi nesse texto que se referiu a ela como uma águia que podia ter voos de galinha, com uma condescendência que nem o ar do tempo permite aceitar). Nele inventariava os «erros» de Rosa pelo que conhecia da sua posição, mas é de presumir

que não tivesse lido este opúsculo. A partir de então, e morto Lenine, a caça ao legado de Rosa foi um dos dogmas do estalinismo; em 1925 foi declarado o combate ao chamado «bacilo sífilítico» do luxemburguismo. Assim sendo, na RDA este texto só foi publicado passados cinquenta anos, aliás acompanhado de uma esperada introdução para o denunciar e corrigir.

O escrito dá-nos um retrato da vibração de Rosa e, portanto, do seu «luxemburguismo». É um apoio apaixonado aos Bolcheviques, que teriam salvado a «honra da revolução» e, depois de assinalar o que suscitava o seu apoio e também os seus comentários discordantes, Rosa conclui com grandeza que deles seria o futuro; elogia a sua «clarividência», mesmo quando discorda das suas opções; em todo o texto, é fiel ao lado pelo qual empenhou a sua vida. O opúsculo é também um guião das dificuldades que então se reconheciam e para as quais nenhuma teoria tinha preparado aqueles revolucionários — e, nalgumas, Rosa apoia as escolhas do governo

soviético, mesmo sabendo do seu custo e do risco social (aponta, por exemplo, o contraste entre a nacionalização da indústria e a criação da propriedade privada da terra, nas mãos dos camponeses, após a expropriação dos latifundiários), enquanto noutras deles se distancia. Dessas questões em debate, Rosa sublinha duas em particular.

A primeira é a crítica à decisão leninista de aceitar e promover a autodeterminação das nacionalidades submetidas pelo império czarista. Rosa era uma firme opositora do nacionalismo e considerava-o um obstáculo ao socialismo, sobretudo pela consequência que reconhecia na guerra mundial, o culminar de vertigens nacionalistas e imperialistas. Acrescentava ainda, com argúcia, que os Bolcheviques tinham uma cultura centralizadora, contrastando com a estratégia que aceitava a criação de novos Estados. Como se lerá, a Ucrânia é um dos exemplos citados por Rosa, o que alguns não deixarão de comparar com o debate contemporâneo acerca

da sua autodeterminação, firmemente rejeitada por Putin, que atribui precisamente a Lenine o «erro» de a ter aceitado. Noto, porém, que Rosa ainda teve oportunidade de relativizar o fulgor desta posição.

A segunda questão tem ainda maior alcance estratégico e, de facto, o seu debate torna Rosa uma das vozes desta geração de marxistas atentos à relação entre democracia e socialismo. Outro comunista preso pelos fascistas em Itália pouco tempo depois, Antonio Gramsci, também se preocupou com esse tema a partir da conformação de uma hegemonia social e das suas implicações na disputa do apoio da maioria da população. Em todo o caso, Rosa foi a primeira a dedicar a sua reflexão estratégica a esta relação. Em *Reforma ou Revolução?* (1899), portanto escrito mais de duas décadas antes, já tinha indicado uma tarefa ciclópica: «salvar o parlamentarismo burguês da burguesia».* Desenvolveu

* Rosa Luxemburgo, *Reforma ou Revolução?*, Porto: Escorpião, 1975, p. 60.

essa ideia neste opúsculo sobre o primeiro ano da Revolução Russa, discutindo a democracia a partir de dois ângulos distintos. O primeiro é a história factual: segundo ela, o parlamento russo, a Duma, que era um pilar do poder czarista, transformou-se «subitamente num órgão da revolução» e foi «o ponto de partida da revolução», o que indicava como a vaga de conflito social penetrava nas instituições e começava a transformá-las. Nessa análise, Rosa mantinha a sua bússola: não é uma maioria social que cria a revolução, é a revolução que cria a maioria. No entanto, esse ponto de vista levava-a a distanciar-se das decisões soviéticas, e esse segundo ponto constitui a parte mais brilhante deste ensaio.

Rosa não poupou palavras na sua crítica. Não se reconhecia no «frio desprezo» dos Bolcheviques pela Assembleia Constituinte que tinham reclamado e cuja eleição organizaram mal chegaram ao poder (num «plebiscito fundado no sistema eleitoral mais democrático

do mundo», afirma ela) para logo depois a dissolverem. Essa decisão, segundo Rosa, conduziria à «eliminação da democracia enquanto tal» e a um sistema institucional que, recusando o sufrágio universal e assentando no direito de voto só para trabalhadores, presumia que se completara uma utopia social, todos trabalhando para o bem comum. Só que não era essa a realidade, pelo que, escreve, «o remédio encontrado por Trotski e Lenine — a eliminação da democracia enquanto tal — é pior ainda do que o mal que era suposto debelar: o que faz, na verdade, é obstruir a própria fonte viva a partir da qual podem ser corrigidas todas as insuficiências inatas das instituições sociais. A vida política ativa, irrestrita e enérgica das mais largas massas populares». Este é o cerne da questão democrática, segundo Rosa: é a forma democrática que estimula a participação e o poder do povo e, por isso, propôs que fosse eleita uma nova Assembleia Constituinte, se porventura a anterior tivesse resultado de uma relação de forças prévia à tomada do poder pelos

Soviets e já superada na sociedade. Mas devia haver um órgão com a legitimidade da eleição por sufrágio universal, insiste.

Sem democracia, repete Rosa Luxemburgo, não há poder proletário e a revolução morrerá: «a questão não se esgota com a Assembleia Constituinte e o direito de sufrágio: importaria ainda considerar a abolição das mais importantes garantias democráticas de uma vida pública saudável e da atividade política das massas trabalhadoras, a saber, a liberdade de imprensa e o direito de associação e de reunião, de que se veem privados todos os opositores do governo dos Soviets. [...] Pelo contrário, é um facto óbvio e indiscutível que sem uma imprensa livre e sem restrições, sem a existência de associações e assembleias livres de entraves, o domínio de grandes massas populares é completamente inconcebível». Estas palavras tornaram-se premonitórias, pois perceberam o risco e anteciparam a tragédia da burocratização e da violência estalinista contra os próprios dirigentes bolcheviques e outras

correntes políticas na Rússia, culminando na restrição das liberdades democráticas no país. Essa consequência estava inscrita na redução da vida pública, insiste Rosa: «com o asfixiar da vida política no país inteiro, também a vida que havia nos Sovietes se vai desvanecendo cada vez mais. Sem eleições gerais, sem uma liberdade de imprensa e de reunião livre de entraves, sem um livre debate de opiniões, a vida extingue-se em qualquer instituição pública, torna-se uma vida ilusória em que o único elemento ativo que resta é a burocracia. A vida pública vai desaparecendo pouco a pouco». E desapareceu.

Havia nesse processo uma desistência estratégica, conclui, dado que «a missão histórica do proletariado, uma vez chegado ao poder, não é abolir toda a democracia, mas criar uma democracia socialista no lugar da democracia burguesa». Só o poderia fazer promovendo a liberdade de reunião e de associação, de opinião ou de imprensa, o que, a bem dizer, significa pluripartidarismo. Ao fazerem da necessidade

de medidas excepcionais durante a guerra civil uma virtude, os Bolcheviques, cuja clarividência a autora elogia noutras questões, permitiram que se cavasse a sua própria sepultura. A revolução morreu com o esgotamento da democracia social: o proletariado e o povo só aprendem e formam o seu poder em condições democráticas, no debate público, na decisão partilhada, na energia de uma revolução em que as decisões são legitimadas e mobilizam a maioria. Essa corajosa afirmação faz de Rosa Luxemburgo uma gigante do pensamento socialista e deste texto um manifesto lúcido sobre as tragédias que se avizinhavam.

FRANCISCO LOUÇÃ

NOTA DO TRADUTOR

O texto *A Revolução Russa*, deixado incompleto, foi escrito por Rosa Luxemburgo na prisão de Breslau em setembro-outubro de 1918. O manuscrito foi confiado por Luxemburgo a Paul Levi (1883-1930), que o publicou pela primeira vez em 1922, sob o título «A Revolução Russa – uma homenagem crítica». A presente tradução segue o volume IV da edição crítica das obras completas: Rosa Luxemburg, *Gesammelte Werke*, vol. 4, agosto 1914 a janeiro 1919, ed. Annelies Laschitzka, Günter Radczun, Berlim: Karl Dietz Verlag, 1974, reed. 2000, pp. 332-365.

As notas que aparecem após cada capítulo, assinaladas com asterisco, são da própria Rosa Luxemburgo. As restantes notas são da responsabilidade dos organizadores da edição alemã (*N. do E.*) e do tradutor (*N. do T.*).

A Revolução Russa

I.

A Revolução Russa é o facto mais prodigioso da Guerra Mundial. A sua eclosão, o seu radicalismo sem precedentes, o seu impacto duradouro desmentem da maneira mais perfeita o lugar-comum com que, no princípio, a social-democracia alemã oficial encobriu ideologicamente e com afinco a campanha de conquista do imperialismo alemão: o lugar-comum que atribuía às baionetas alemãs a missão de derrubar o czarismo e libertar os seus povos oprimidos. A tremenda magnitude que a revolução assumiu na Rússia, o profundo impacto com que abalou todas as relações de classe, com que pôs a descoberto todos os problemas sociais e económicos, com que foi progredindo de forma lógica desde a primeira fase da república burguesa — e em que a queda

do czarismo foi apenas um breve episódio, quase uma ninharia —, tudo isso mostra claramente que a libertação da Rússia não foi obra da guerra e da derrota militar do czarismo, não se deveu ao mérito das «baionetas alemãs em punhos alemães» — como garantia o editorial do *Neue Zeit*¹, sob a direção de Kautsky² —, que antes tinha raízes profundas no próprio país e que, no plano interno, estava plenamente amadurecida. Não foi a aventura bélica do imperialismo alemão, sob o escudo ideológico da social-democracia alemã, que provocou a revolução na Rússia; limitou-se a interrompê-la por algum tempo, no início — depois da sua primeira maré de tempestade, nos anos de 1911-1913 —, e, em seguida, após a sua eclosão, criou-lhe as condições mais difíceis e anómalas.

Mas este rumo dos acontecimentos é também, para qualquer observador capaz de pensar pela própria cabeça, uma prova concludente contra a teoria doutrinária que Kautsky partilha com o partido dos social-democratas do governo,

segundo a qual a Rússia, enquanto país economicamente atrasado, predominantemente agrário, não estaria ainda pronta para a revolução social e para uma ditadura do proletariado. Esta teoria, que considera que na Rússia só é possível uma revolução *burguesa* — uma concepção da qual deriva também a tática da coligação dos socialistas na Rússia com o liberalismo burguês —, é ao mesmo tempo a teoria da ala oportunista do movimento operário russo, os chamados Mencheviques, sob a experiente liderança de Axelrod e Dan.³ Ambos, oportunistas russos e alemães, estão perfeitamente de acordo com os socialistas alemães do governo quanto a esta concepção fundamental da Revolução Russa, da qual decorre automaticamente a sua tomada de posição no que toca às questões específicas da tática: os três são da opinião de que a Revolução Russa deveria ter parado na fase que a estratégia de guerra do imperialismo alemão imagina ser, nos termos da mitologia da social-democracia alemã, uma nobre missão: a queda do czarismo.

Se se prolongou para além disso, se definiu como sua missão a ditadura do proletariado, isso deveu-se — segundo essa mesma doutrina — a um simples erro da ala radical do movimento operário russo, os Bolcheviques, e todas as adversidades com que teve de lidar a revolução, no seu desenvolvimento posterior, todas as confusões de que foi vítima, mostram resultar precisamente desse erro fatal. Teoricamente, esta doutrina, preconizada como fruto do «pensamento marxista» quer pelo *Vorwärts* de Stampfer⁴, quer por Kautsky, equivale à descoberta «marxista» original de que a revolução socialista é uma questão nacional, interna, por assim dizer, de cada Estado moderno considerado em si mesmo. É natural que, no meio da névoa enganosa deste esquema abstrato, alguém como Kautsky saiba descrever com grande minúcia as relações económicas mundiais do capital que fazem de todos os países modernos um único organismo coeso.

Contudo, a Revolução Russa — um fruto dos desenvolvimentos *internacionais* e da questão

agrária — é impossível de resolver dentro dos limites da sociedade burguesa.

Na prática, esta doutrina manifesta uma tendência para rejeitar a responsabilidade do proletariado internacional — e sobretudo do proletariado alemão — pela história da Revolução Russa, bem como para negar as implicações internacionais desta revolução. O que o decurso da guerra e da Revolução Russa veio demonstrar não foi a imaturidade da Rússia, mas a imaturidade do proletariado alemão para cumprir as suas missões históricas — e salientá-lo com toda a clareza é o primeiro dever de qualquer consideração crítica da Revolução Russa. A Revolução Russa estava inteiramente dependente, quanto aos seus destinos, dos [acontecimentos] *internacionais*. O facto de os Bolcheviques terem fixado a sua política por inteiro na revolução mundial do proletariado é precisamente a prova mais brilhante da sua clarividência política e da sua integridade fundamental, da audaciosa proeza da sua política. Nela é visível o enorme salto

dados pelo desenvolvimento capitalista na última década. A revolução de 1905-1907 teve apenas um ténue eco na Europa. Tinha por isso de permanecer um capítulo inicial. A sua continuação e resolução estavam ligadas ao desenvolvimento europeu.

É evidente que só uma crítica minuciosa e refletida, e não uma apologética acrítica, tem a capacidade de desenterrar os tesouros de experiências e ensinamentos. Seria de facto uma ideia absurda achar que, naquela que foi a primeira experiência com a ditadura da classe operária da história mundial — e, além disso, nas condições mais difíceis que se possam imaginar, em plena conflagração mundial e no meio do caos de um genocídio imperialista, na armadilha de ferro da potência militar mais reacionária da Europa, face à total incapacidade do proletariado internacional —, seria uma ideia absurda achar que, numa experiência com a ditadura operária levada a cabo em condições tão anómalas, tudo o que foi feito e tudo o que ficou por fazer

na Rússia tivesse sido o cúmulo da perfeição. Pelo contrário, os conceitos elementares da política socialista e a compreensão dos seus necessários pressupostos históricos forçam-nos a reconhecer que, em condições fatais como essas, nem o mais gigantesco idealismo e a mais inabalável energia revolucionária seriam capazes de pôr em prática a democracia e o socialismo, e que não passariam de tentativas inaptas e distorcidas de os alcançar.

Mostrá-lo com clareza, em todas as suas profundas conexões e repercussões, é simplesmente um dever elementar dos socialistas em todos os países; pois só através de um duro reconhecimento como esse é possível avaliar toda a magnitude da responsabilidade individual do proletariado internacional pelos destinos da Revolução Russa. Ademais, só dessa maneira é possível pôr em evidência a importância decisiva da ação internacional conjunta da revolução proletária — como uma condição fundamental sem a qual mesmo a maior destreza e os maiores sacrifícios do proletariado num único país

acabariam inevitavelmente por se deixar enredar numa confusão de contradições e equívocos.

Do mesmo modo, não há dúvida alguma de que foi apenas com as maiores hesitações interiores e a mais forte relutância interior que as mentes inteligentes à frente da Revolução Russa, Lenine e Trotski, deram alguns passos decisivos no seu caminho espinhoso, rodeado de armadilhas de toda a espécie, e que nada poderia estar mais longe da sua ideia do que ver tudo o que fizeram e não fizeram, sujeitos a duros constrangimentos e pressões no fervilhante turbilhão dos acontecimentos, ser olhado pela Internacional como um modelo grandioso da política socialista, perante o qual só seria apropriado reagir com uma admiração isenta de críticas e uma fervorosa imitação.

Seria igualmente errado rezear que uma análise crítica dos caminhos até aqui trilhados pela Revolução Russa acabe por minar perigosamente o prestígio e o exemplo fascinante dos proletários russos, os únicos capazes de vencer a inércia fatal das massas alemãs. Nada de mais errado.

O despertar da energia revolucionária da classe operária na Alemanha jamais pode ser invocado, no mesmo espírito dos métodos paternalistas da social-democracia alemã, de saudosa memória, por via de uma qualquer autoridade imaculada, seja ela a das suas próprias «instâncias» ou a do «exemplo russo». Não é através da criação de um ambiente de euforia revolucionária que pode nascer a capacidade de ação histórica do proletariado alemão; antes sucede o contrário: ela só pode nascer pela compreensão de toda a terrível gravidade, de toda a complexidade das tarefas que urgem, só a partir da maturidade política e da autonomia intelectual, da capacidade de juízo crítico das massas, que durante décadas foi sistematicamente reprimida, sob os mais variados pretextos, pela social-democracia alemã. Analisar de forma crítica a Revolução Russa em todas as suas implicações históricas é a melhor preparação dos operários alemães e internacionais para a missão que lhes é imposta pela atual situação.

«Liberdade apenas para os apoiantes do governo, apenas para os membros de um partido — por mais numerosos que possam ser — não é liberdade.»

No ano em que escreveu *A Revolução Russa*, Rosa Luxemburgo cumpria uma das várias penas de prisão a que foi condenada pela sua atividade política. Socialista e resistente à ocupação czarista da sua Polónia natal desde jovem, entusiasmara-se profundamente com a Revolução de Outubro no ano anterior, em 1917. Esta natural solidariedade, porém, não a impediu de antecipar preocupação com algumas medidas avançadas pelos Bolcheviques, tais como a centralização do poder na figura de Lenine, a criação de um sistema de partido único e a supressão de liberdades civis.

O compromisso de Luxemburgo com o socialismo, a democracia e a revolução, bem como o seu ativismo antibélico, valeram-lhe ininterrupta perseguição política e controvérsia. O seu legado, porém, marcou indelevelmente o pensamento político europeu até hoje.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Bruno C. Duarte
Introdução de Francisco Louçã



Girl with a Birch-Bark Jar
(c.1924)
(óleo sobre painel de madeira)
Alekséi Gavrilóvich
Venetsianov

© Museu Estatal Russo



penguinlivros.pt



penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897875472



9 789897 875472 >